

QUANDO A PANDEMIA PASSA, MAS PERMANECE: REFLEXOS SUBJETIVOS PARA O EMPODERAMENTO DAS APRENDIZAGENS NA PÓS-GRADUAÇÃO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-153>

Data de submissão: 07/05/2025

Data de publicação: 10/05/2025

Taciane Laís da Silva Quadros

Mestranda em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Castanhal, Pará – Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-4075-8311>

Marcos César da Rocha Seruffo

Doutorado em Engenharia Elétrica (PPGEE)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Castanhal, Pará – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8106-0560>

RESUMO

Esta pesquisa investiga os impactos da pandemia por Covid-19 em um Programa de Pós-Graduação da UFPA, trazendo insights sobre as dinâmicas cognitivas e a correlação desses fatores, com o desempenho acadêmico de discentes e egressos do Mestrado. Além disso, o construto perquiri compreender e analisar, movimentos e atitudes ditos resilientes para o empoderamento das subjetividades, que os participantes fizeram para manter ativas suas aprendizagens acadêmicas, diante do cenário que atravessavam. Nesse sentido, os dados revelaram que 93,9% dos participantes, evidenciaram que problemas relacionados a saúde mental se intensificou diante da crise sanitária na saúde, reverberando no rendimento acadêmico. Com fito de alcançar os resultados, tendo em vista responder as questões de pesquisa e ao objetivo proposto, foi utilizado questionário eletrônico via *Google Forms* para coletar os dados de egressos (2019 a 2022) e discentes (2023 a 2024). À luz disso, adotou-se a Análise de Conteúdo para as inferências das perguntas abertas, enquanto as perguntas fechadas, realizou-se um descritivo estatístico para compreensão do panorama, nos indícios da pesquisa qualitativa. Com efeito, a análise relevou que o apoio familiar (63,6%) foi fortaleza para impulsionar e subsidiar o empoderamento das subjetividades, assim como as práticas religiosas (51,5%) se mostraram provedora da resiliência para a não desistência do curso, culminando na superação e no fortalecimento diante dos entraves. Cabe destacar, que a escolha dos dois grupos distintos em contextos temporais, se justifica na forma comparativa e nas percepções subjetivas frente aos impactos na trajetória acadêmica: os egressos representam aqueles que experenciaram o mestrado na pandemia, enquanto os discentes, ingressaram no cenário pós-pandêmico. Contudo, vale salientar, que embora os grupos estivessem em momentos diferentes, apresentaram enredamentos similares.

Palavras-chave: Pós-pandemia. Empoderamento. Saúde mental. Resiliência acadêmica. Dinâmicas cognitivas.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia por Covid-19 enquanto crise mundial da saúde, trouxe consigo a incerteza do desconhecido. Por certo, surpreendidos com a gravidade e aceleração da doença que se intensificava, a sociedade precisou pausar sua rotina e se aprisionar dentro de si e de suas residências por períodos que indeterminavam suas atividades cotidianas dentro do que se considera comum. O isolamento social foi fulcral, com o fito de mitigar a não propagação do vírus que apresentava elevado grau de transmissibilidade. No Brasil, o Estado do Amapá foi o primeiro a decretar *Lockdown*¹ e o Amazonas o primeiro a registrar colapso na saúde pública, segundo dados fonte do BdF² (2020) ambos pertencentes a região Norte do país.

Com efeito, o isolamento social motivado pela gravidade da pandemia, carregou consigo evidências de problemas ligados a saúde mental, agravando-se em indivíduos já pré-existentes e emergindo em outros com a pré-disposição. “Embora necessário, o distanciamento social prolongado ocasionou problemas físicos, psicológicos, sociais e econômicos nos estudantes universitários [e de pós-graduação], o que lhes impactou sobremaneira a qualidade de vida” (Moura *et al.*, 2023, p. 01).

Enquanto assistia-se a transição do ensino regular presencial para a modalidade remota emergencial, estressores provenientes do cenário acadêmico se somavam às incertezas do cenário pandêmico reverberando no medo, na preocupação, nas afetividades negativas. Um levantamento realizado pelo Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) realizada em 2010, apontou o sofrimento psíquico com percentual de 47,7% em estudantes de Instituições Federais brasileiras. Já no mapeamento realizado em 2020 (período da pandemia), o relatório apresentou uma taxa de aumento de 83,5% com queixa de dificuldade emocional (Lameu; Souza, 2024).

No que concerne a amplitude do impacto, ela não se limitou apenas à esfera individual; mas se estendeu ao coletivo, evidenciado no baixo rendimento acadêmico contínuo, o que consequentemente implicou e prejudicou diretamente nos programas de estudos. Essa dinâmica complexa, intercalada entre superação e desafios persistentes, ressalta a relevância de uma investigação mais aprofundada para compreender as nuances dos efeitos duradouros da pandemia na aprendizagem e nos desdobramentos resilientes que pós-graduandos (2023 e 2024) e egressos (2019, 2020, 2021 e 2022) fizeram para manter ativas suas produções acadêmicas. Portanto, movida pelas questões de pesquisa

¹ Termo do inglês que embora não apresenta tradução única, expressa “confinamento”.

² O Brasil de Fato (BdF) é um site de notícias e uma radioagência. Para mais detalhes, acesse: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/20/coronavirus>

que este construto perquiriu alcançar, investigou-se: os participantes já apresentavam dificuldades cognitivas antes da pandemia? De que forma se empoderaram subjetivamente frente às aprendizagens acadêmicas?

Diante do exposto, as inquietações iniciais para este estudo emergiram dos relatos de discentes de um Programa da Pós-Graduação (PPG) da Universidade Federal do Pará (UFPA) que enfrentaram dificuldades cognitivas, resultando em desafios para concentração e produção acadêmica. A realidade gerou uma certa apatia em relação aos estudos devido às barreiras cognitivas que impactam a capacidade de se envolver de forma efetiva nas atividades acadêmicas. A primeira hipótese deste estudo, demarcou o campo como “inibição cognitiva”³, buscando compreender como essas dificuldades influenciaram na experiência dos estudantes. Cabe destacar que essas queixas tiveram origem durante o período da pandemia e persistiram no cenário pós-pandêmico.

Portanto, o objetivo deste estudo é refletir acerca do empoderamento às aprendizagens de pós-graduandos e egressos frente aos impactos na pós-pandemia por Covid-19, trazendo *insights* sobre as dinâmicas cognitivas e a correlação desses fatores com o desempenho acadêmico. Destaca-se ainda a protuberância de desenvolver a Pesquisa centra-se no empenho de caráter científico que o trabalho almeja apresentar, haja vista a extensão que se pretende alcançar com a execução deste construto, um olhar mais científico e sociocultural, a partir dos depoimentos sobre as aprendizagens, suas possíveis dificuldades e fortalezas.

2 UM OLHAR PANORÂMICO PARA PENSAR NO IMPACTO DA PANDEMIA POR COVID-19 NA PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM

A pandemia por COVID-19⁴ deixou uma marca profunda na educação, com impactos significativos na aprendizagem e no ensino. O fechamento generalizado de escolas e Universidades resultou na interrupção abrupta do ensino presencial, levando a uma rápida transição para o ensino remoto (Agnew *et al.*, 2019, *apud* Lameu; Souza, 2024) afetando mais de 90% o equivalente a 1,5 bilhões de estudantes no mundo (UNESCO, 2020). Essa mudança, embora necessária para garantir a segurança, trouxe desafios consideráveis, entre elas, a intensificação dos “[...] estressores comumente observados na vida acadêmica [...]” (Lameu; Souza, 2024, p. 215).

³ Esta pesquisa está considerando inibição cognitiva, a redução de aspectos intrínsecos da cognição que, enquanto sintoma, pode ser compreendido com uma dificuldade de aprendizagem.

⁴ Pesquisa detalhada sobre o Covid-19: <https://covid.saude.gov.br/>

À luz desse contexto, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) compreendia “[...] atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas, com encontros frequentes durante a semana [...]” Alves (2020, p. 358). O processo de adaptação incluía em alguns casos a falta de estrutura, de privacidade, implicando diretamente na concentração da mente que já fragilizada inquietava-se pela incerteza, por medo da contaminação pelo vírus, preocupações aceleradas que corroboravam com manifestações favoráveis a ansiedade, transtornos de ansiedade, depressão, inibição cognitiva, entre outros fatores que refletiam na saúde mental, consequentemente na produção acadêmica (Zhai; Du, 2020; Lee *et al.*, 2021, *apud* Lameu; Souza, 2024).

Urge, ressaltar, que a doença causada pelo coronavírus caracterizava-se em 03 (três) níveis: leve, moderado e agudo. De acordo com Braga *et al.* (2023) uma pesquisa realizada pela Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, em Brasília – DF, motivada pelas inúmeras queixas de pessoas que haviam sido acometidas por COVID-19 em casos prolongados e/ou em situação aguada, mesmo após 01 (um) ano da infecção, relataram o que consideram como Névoa Cerebral: compreendido como o “apagão” que ocorre na memória, associado ao esquecimento constante de atividades simples do cotidiano, entre outros.

Ainda nessa perspectiva, a pesquisa supracitada evidenciou que “os domínios mais afetados após um ano foram a velocidade de processamento e memória verbal e visuoespacial de longo prazo, indicando que o comprometimento cognitivo ainda persistia após contrair o vírus” (p. 518). Em consonância, os resultados apontaram que o **“COVID-19 estava associado a um aumento do risco de declínio cognitivo longitudinal”** (Braga *et al.*, 2023, p. 518, grifo nosso).

Embora os apontamentos do estudo tenham frisado questões associadas à saúde mental que se interligam aos impactos causados por COVID-19, cabe também enfatizar, que a falta de dispositivos eletrônicos e a ausência da conectividade à internet apontou disparidades já presentes, elucidando as dificuldades enfrentadas por alunos de comunidades vulneráveis. Segundo pesquisas feitas pela Unesco e Banco Mundial (2020, p. 05) “as diferenças sociais e digitais colocam os mais desfavorecidos em uma situação na qual correm o risco de ter perdas de aprendizagem [...]. Lições do passado – como as da crise do ebola – mostraram que as crises de saúde podem deixar muitos para trás, [...]”.

Frente a este cenário, os professores enfrentaram a necessidade de se adaptar a novas formas de ensino. A transição para o ambiente virtual trouxe desafios tecnológicos e pedagógicos, exigindo a rápida adoção de estratégias inovadoras para manter o envolvimento dos alunos. “De pronto, os professores tiveram que, além de dominar novas estratégias de ensino e novas tecnologias, fazer uso também de um currículo que se forjou ‘necessário’ devido ao contexto pandêmico” (Dourado; Siqueira, 2020, p. 847).

Contudo, a adversidade também estimulou a inovação. A rápida adoção de tecnologias digitais, embora impulsionada pela necessidade, pôde abrir portas para modelos de aprendizagem mais flexíveis e personalizados no futuro. Em consonância a esta reflexão, Moran (2018, p. 53) informa que “A combinação de metodologias ativas com tecnologias digitais móveis é hoje estratégica para a inovação pedagógica”. No entanto, a resiliência demonstrada pelos sistemas educacionais sugere uma capacidade de adaptação notável, criando um terreno fértil para explorar novas abordagens pedagógicas.

Por fim, o legado deixado pela pandemia na educação transcenderá as salas de aula, além de servir como um catalisador para reflexões sobre como será moldado o futuro da aprendizagem, com a ênfase renovada na equidade e inovação. Os desafios inesperados enfrentados, permitiu a ressignificação dentro do ecossistema de incertezas. Rememorar os enfrentamentos daquele período é se perceber além de sobreviventes, resilientes. Sob esse prisma, Dias *et al.* (2022, p. 03) destacam que “a resiliência é considerada um processo dinâmico que resulta no processo de adaptação positiva em contextos de grande adversidade, em que o indivíduo consegue manter-se saudável [...]. À luz disso, considerou-se oportuno trazer para este estudo, uma breve analogia quanto aos desdobramentos acerca da resiliência e, a forma como ela culmina em alguns contextos.

2.1 A resiliência e seus desdobramentos

Resiliência é a ciência que estuda a persistência das pessoas para que possam superar as adversidades, conflitos, com maior equilíbrio, saindo fortalecidas das situações. “Em 1807, o termo resiliência surgiu, originário do latim *resilio* (re+salio), que significa “ser elástico”. Esse surgimento no cenário científico moderno, compôs o vocabulário da física e da engenharia, [...]” (Timosheibo, 1983 *apud* Maia; Guimaraes Neto, 2021, p. 148). Segundo Mendonça e Magalhães (2021) vários são os estudos que buscam definir palavra, mas, ainda que não se tenha uma definição única aceita, as reflexões levam para inclinações quanto a capacidade de resistir frente aquilo posto como adverso.

De acordo com Barbosa (2014) a resiliência foi se estruturar como conceito, na perspectiva científica meados 1950 e 1960 visto como algo hereditário. A partir de 1975, os fatores internos e externos foram usados para explicar as resiliências. Porém, no final de 1980 ela passou ser entendida como crença pessoal – até a conjuntura atual – é o resultado de como as pessoas, transformam e organizam seu sistema. No Brasil, as pesquisas sobre resiliência iniciaram-se nos anos de 1996 com estudos sobre crianças e adolescentes expostos às situações de vulnerabilidade psicológica e social; moradores de rua; famílias de baixa renda; uso de drogas e saúde (Souza; Cerveny, 2006).

Nas áreas humanas “o conceito de resiliência está intimamente relacionado à compreensão dos riscos e fatores de proteção, podendo ser transformado na capacidade de o ser humano não adoecer, mesmo quando exposto a condições prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento” (Maia; Guimaraes Neto, 2021, p. 148). Nesse contexto, Sousa (2022) considera que o indivíduo não nasce resiliente, ele é lapidado, com possibilidade de emergir diante de eventos traumáticos, incertezas, dor, luto etc., como resposta dentro do processo interativo humano e seu meio, a exemplo, o período da pandemia por Covid-19 “em que enfrentamos tantas mudanças e revisitamos a iminência de problemas já existentes, porém potencializados pelo distanciamento social” (Sousa, 2022, p. 19). Corroborando com esse prisma, a Resiliência “[...] é a capacidade ou até mesmo uma habilidade humana de adequar-se às circunstâncias de crise nos âmbitos psicológico e biológico, aprimorando-se habilidades intrapsíquicas, vinculadas ao meio afetivo e social e permitindo associar-se uma formulação psíquica congruente à inserção social” (Laranjeira 2007 *apud* Melo *et al.*, 2020, p. 140).

Nessa perspectiva, a psicopedagoga Alicia Fernández (2001, p. 22) elucida que a resiliência estaria na autoria de pensamento – onde o sujeito é o protagonista autônomo da sua história, diz que pode ser definida “como o processo ou o ato de produção de sentidos ou de sentimentos e reconhecimento de si mesmo como protagonista desta produção”. A autora ainda destaca que proporcionar autoria de pensamento como possibilitadora estrutural das resilientes, dispõe de fatores que “potencializem possibilidades singulares de cada pessoa, oferecendo-lhe espaços em que possa realizar experiências com ensinantes [e aprendentes] que favoreçam esse processo” (p. 22). Ainda que as discussões de Fernández não apresentem de forma direta a resiliência, estas se encontram engendradas nas reinterpretações passadas de aprendentes – postas como o aluno – para salutar na superação das dificuldades de aprendizagem ou até mesmo projetar novos movimentos, o que implicitamente remete a resiliência acadêmica.

Portanto, a resiliência no contexto acadêmico “[...] refere ao papel da escola como instituição-chave, em que habilidades para a resolução de problemas são adquiridas por intermédio dos agentes educacionais” (Garcia 2001 *apud* Melo *et al.*, 2020, p. 121). Os autores destacam ainda que é “[...] fundamental a compreensão da resiliência como um aprendizado através da apropriação informacional em situações de incertezas e conflituosas. [...] pauta acadêmica imprescindível para o desenvolvimento do sujeito no âmbito educacional” (Melo *et al.*, 2020, p. 121). Pode-se dizer que na educação ser resiliente é ressignificar as concepções, os paradigmas, é enxergar novas possibilidades, pensar diferente a partir de uma determinada situação, dar novo sentido.

3 METODOLOGIA

O estudo foi delineado e sistematizado com base no enfoque científico qualitativo. De acordo com González (2020) permite ao pesquisador a multiplicidade nas formas de abordagem, referente a estudos socioeducativos. Sem dualidade ao que se investiga com o investigado; uma linha tênue indissociável. O investigador é visto neste tipo de pesquisa como cognoscente e, com sensibilidade em captar o implícito na informação, culminando para uma reflexão pessoal autônoma, criativa, subjetiva, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, crenças, valores etc.

Adotou-se a Pesquisa de Campo, pois “[...] tendem a proporcionar um tipo de contato intensivo e constante entre o pesquisador e os sujeitos incluídos na pesquisa. Serviços de redes sociais favorecem uma profusão de interações sincrônicas e assincrônicas que tensionam a noção convencional da ida a campo” (Padilha; Facioli, 2022, p 115). É a oportunidade de lidar diretamente com o objeto pesquisado, em busca de informações e conhecimentos que estão intimamente relacionados com as inquietações da pesquisa, tecendo evidências que possam corroborar ou refutar hipóteses levantadas.

Os participantes da pesquisa foram discentes e egressos das turmas de 2019 a 2024 do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Castanhal – PA, buscando entender o ponto de vista de cada um acerca do problema em questão que é as dificuldades cognitivas durante e após a pandemia e de que forma se empoderaram subjetivamente frente às aprendizagens acadêmicas diante do contexto. Para quantificar e identificar o público-alvo, foi realizado primeiramente um mapeamento no site oficial do PPGEAA/PROPESP⁵ dentro os anos já mencionados e confirmado com a Secretaria do Programa a veracidade das informações obtidas, constatou-se: 113 alunos, sendo 79 egressos e 34 discentes, conforme descrito no Quadro 1:

Quadro 1 – Mapeamento do público-alvo

TURMA/ANO	QUANTIDADE DE ALUNOS	
2019	22	
2020	21	
2021	18	
2022	18	
2023	20	
2024	14	
TOTAL	113	
		79 EGRESSOS
		34 DISCENTES

Fonte: Elaborado pela autora

⁵ Acesse: <https://www.ppgeaa.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/discentes/mestrado>

Ressalta-se que o PPGEAA (Figuras 1 e 2) foi aprovado em 2016, tendo suas atividades iniciadas em 2017, integrando o Campus Castanhal da UFPA como o primeiro mestrado interdisciplinar. O Programa tem como área de concentração os Estudos Antrópicos e possui 02 (duas) Linhas de Pesquisa: linha 1 (Ambientes, Saúde e práticas culturais) e linha 2 (Linguagens, Tecnologias e saberes culturais). O quadro atualmente conta 18 docentes, sendo 12 permanentes, 04 colaboradores e 02 convidados. 01 secretaria e 01 bolsista no quadro de apoio, de acordo com informações contidas na página oficial da Instituição⁶.

Figuras 1 e 2 – Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA)



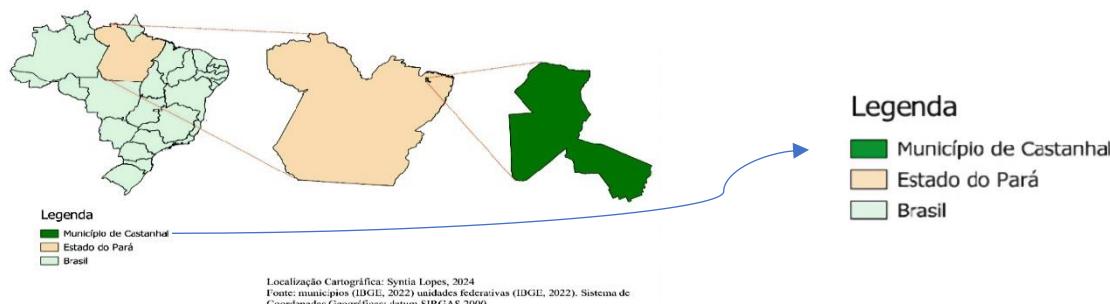
Fonte: PPGEAA



Fonte: PPGEAA

O PPGEAA está localizado em Castanhal (Figura 3), que por sua vez, é um município brasileiro do Estado do Pará, situada na microrregião pertencente à região metropolitana de Belém. Localiza-se no norte brasileiro, distante 68 km da capital Estadual Belém e 2.078 km da capital Federal. Segundo os dados fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2022)⁷, a cidade supracitada é um dos municípios populosos (192.256 pessoas), mais desenvolvidos do nordeste Paraense e considerada cidade modelo do Estado.

Figura 3 – Localização Cartográfica



Fonte: IBGE

⁶ Para mais informações, acesse: <https://www.ppgpeaa.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/apresentacao>

⁷ Informações detalhadas: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/castanhal/panorama>

De posse das informações, foi realizado um contato social com a Instituição para adentrar no *lócus* da investigação, feito na oportunidade, a solicitação do envio do documento *on-line* através das redes oficiais do PPGEAA, bem como divulgação através de banner digital, convidando o público-alvo para participar do construto. Ao serem contatados, foi informado da Pesquisa, para que autorizassem o estudo, através do aceite do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) assegurando-lhes do sigilo da identidade dos pesquisados, dos critérios de inclusão e exclusão, riscos e benefícios. Ademais, cumpre destacar que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical (NMT) da UFPA, com CAAE nº 86977025.9.0000.5172, atendendo às diretrizes éticas estabelecidas.

Quanto aos critérios de seleção para o estudo, foram: alunos do Programa e egressos de 2019 a 2024. Em relação as categorias gerais, utilizou-se: 1º) alunos que tiveram dificuldades nas aprendizagens durante e após a pandemia e 2º) alunos acometidos por COVID-19 que apresentaram dificuldades cognitivas. A escolha das categorias se justifica no grau de aproximação com a Pesquisa. Referente a escolha dos anos letivos, estão intrinsecamente ligados ao período da pandemia e pós-pandemia.

No que tange os resultados apresentados, tendo em vista responder o problema e ao objetivo que a pesquisa se propôs, foi utilizado o questionário contendo 23 questões, sendo 08 perguntas abertas e 15 fechadas. Para codificar e categorizar as respostas dos participantes nas perguntas abertas foi utilizada a Análise de Conteúdo temática por frequência, já em relação as perguntas fechadas, utilizou-se a Estatística Descritiva. A Análise de Conteúdo (AC) é uma técnica desenvolvida pela autora Bardin (2016 *apud* Valle e Ferreira, 2024) sendo uma das metodologias mais utilizadas no âmbito educacional. Ela oportuniza a compreensão multifacetada dentro do que está sendo investigado, além de incutir abordagens indutivas e dedutivas, que culminam na categorização e codificação dos dados em pesquisas interpretativas. A AC é híbrida, ou seja, nem totalmente qualitativa bem como quantitativa, ela mescla as duas áreas, para além, permite que o pesquisador trace percepções em uma linha tênue. A opção por esse tipo de Análise se respalda na mobilidade em proporcionar a construção do conhecimento através dos questionamentos nas variadas técnicas aplicáveis na amostragem.

No que concerne o instrumento para coleta de dados, foi utilizado o questionário *on-line* via o *Google Forms*, configurado e adequado seguindo as recomendações de boas práticas da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) sob nº 13.709⁸, instituída em 14 de agosto de 2018, que pelo próprio nome já apresenta o significado, como também ampara dados considerados sensíveis. Quanto a escolha por

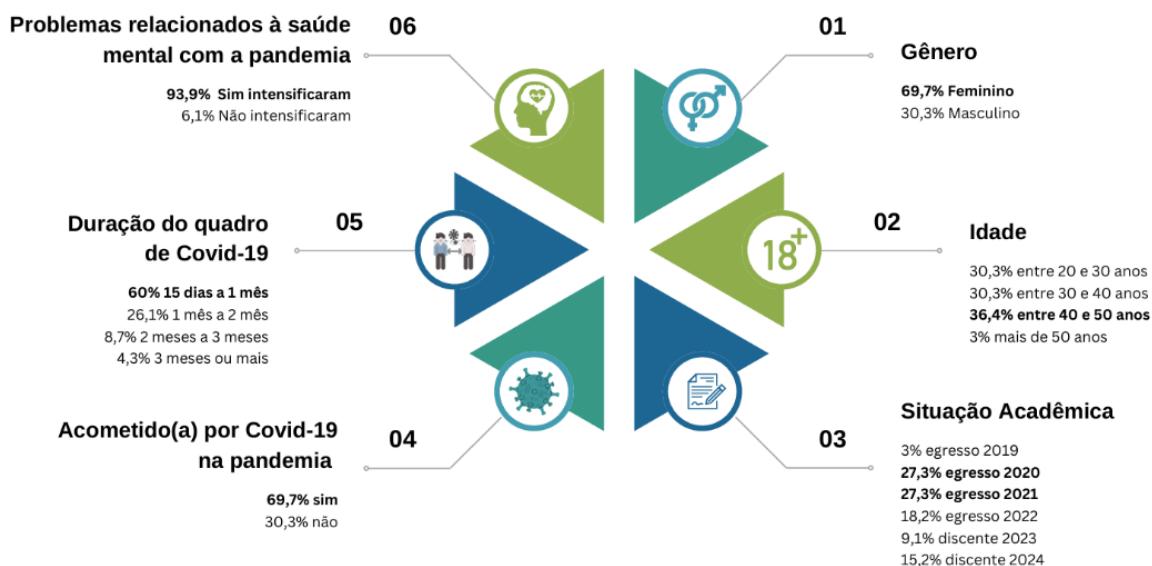
⁸ A Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, incluindo os meios digitais. Para maiores informações, acesse: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm

esse tipo de instrumento que além de permitir a automatização referente a compilação dos dados, se justifica também em estudos anteriores que apontam os retornos no formato digital como mais eficazes, a comparar com o retorno realizado de forma impressa (Bastos *et al.*, 2023).

4 RESULTADOS

Dentre os participantes da Pesquisa, 69,7% foram compostos por mulheres e 30,3% por homens, com idades, entre: 20 e 30 anos (30,3%), 30 e 40 (30,3%), 40 e 50 anos (36,4%) e mais de 50 anos representados por 3%. Houve predomínio de egressos dos anos de 2020 e 2021 participando deste construto, sendo 27,3% em igual porcentagem para os anos mencionados. Este estudo informa ainda que 69,7% dos partícipes foram acometidos por Covid-19, tendo 60,9% informando que o quadro da doença se perdurou de 15 (quinze) dias a 01 (um) mês. 60,6% afirmaram que antes da Pandemia não apresentavam sinais de depressão e ansiedade e, 93,9% corroboram que problemas relacionados a saúde mental se intensificaram no período pandêmico. As informações detalhadas encontram-se no Diagrama 1.

Diagrama 1 – Perfil sociodemográfico e rastreio do período pandêmico por Covid-19



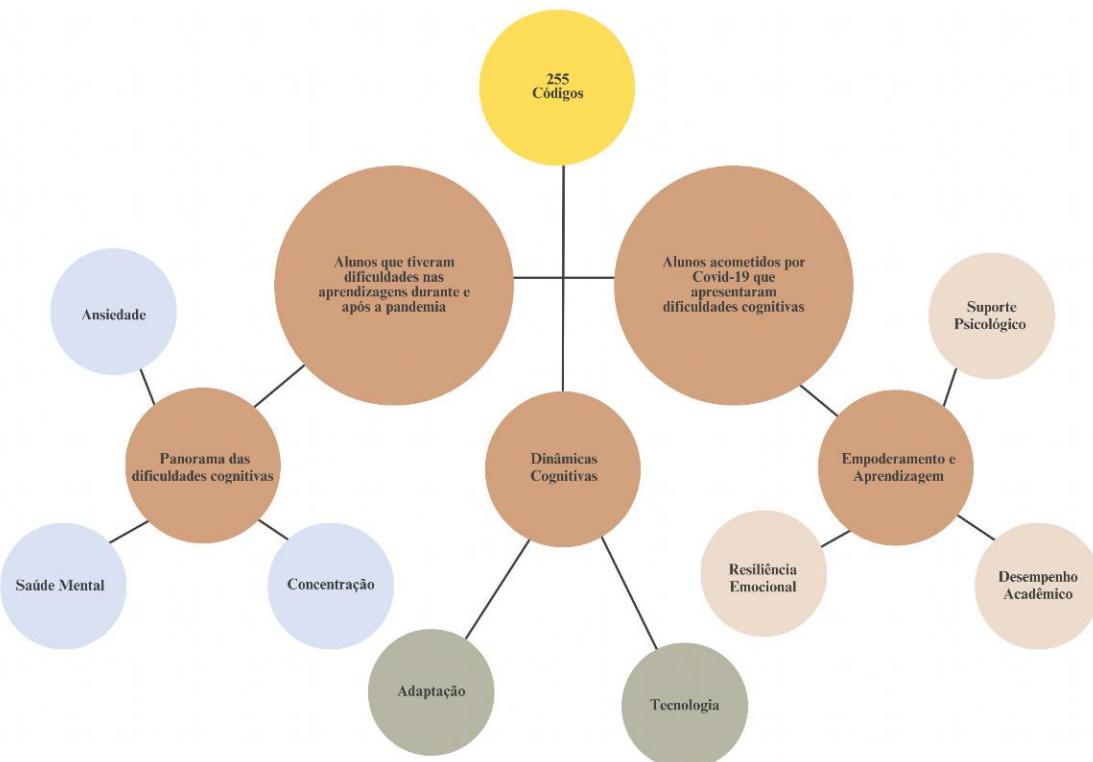
Fonte: Elaborado pela autora

No que tange o contexto pós-pandemia 60,6% passaram apresentar problemas relacionados a saúde mental. Predominantemente, 93,9% se consideravam produtivo academicamente, mas com a pandemia esse cenário sofreu alteração: 45,5% destacam que se tornaram menos produtivo, enquanto 36,4% se dizem permanecer com o mesmo rendimento acadêmico, no entanto 18,2% se opõem ao

afirmar que passaram a produzir mais após o cenário da pandemia. Quanto a Pós-Graduação 72,7% dos participantes, revelaram que tiveram sua trajetória afetada, destacando-se como principais desafios enfrentados: a falta de concentração (65,6%), dificuldades emocionais e/ou psicológicas (53,1%), adoecimento pessoal ou familiar (50%), bloqueio de memória (40,6%) e problemas financeiros (31,3%).

É válido ressaltar que os dados coletados passaram por 04 (quatro) etapas que compõe a Análise de Conteúdo temática por frequência, que são elas: preparação, codificação, categorização e a análise dos resultados. Diante dessa perspectiva, os dados foram organizados em documento e, com o auxílio da ferramenta *Atlas.ti*⁹ (versão gratuita) foram identificados 413 códigos. No segundo momento, a codificação passou por uma revisitação manual onde foram escolhidas quais amostras seriam submetidas à Pesquisa, reduzindo o valor mencionado para aproximadamente 61,7%, permanecendo as palavras com maior frequência por ocorrência e que se alinhavam com a questão de pesquisa e objetivo da investigação deste estudo, totalizando 255. Dessa maneira, torna-se possível observar o percurso das etapas dos dados gerados, conforme ilustração no Diagrama 2.

Diagrama 2 – Percurso de análise dos dados



Fonte: Elaborado pela autora

⁹ Software que auxilia na codificação de pesquisa qualitativa.

Com as categorias gerais elencadas, já lidas pelo leitor, foi iniciada a fragmentação das subcategorias através do *Microsoft Excel*, onde cada código foi agrupado, buscando identificar padrões, dando sequência na organização dos campos emergentes e, consequentemente fazendo a inferência acerca das discussões dos resultados. Ainda sob a ótica das subcategorias, a Pesquisa discorreu nessa ordem sucessiva: Panorama das Dificuldades Cognitivas; Dinâmicas Cognitivas e, Empoderamento e Aprendizagem, com os respectivos agrupamentos incluindo as palavras que tiveram frequência de ocorrência, conforme a Tabela 1, destaca-se: Ansiedade (58); Desempenho Acadêmico (55); Saúde Mental (32); Resiliência emocional (30); Desafios Acadêmicos (28); Adaptação (22); Tecnologia (16) e Concentração (14).

Tabela 1 – Frequência de Ocorrência

Subcategorias	Código	N	%
Panorama das dificuldades cognitivas	Ansiedade	58	22,75%
	Saúde mental	32	12,55%
	Concentração	14	5,49%
Dinâmicas cognitivas	Adaptação	22	8,63%
	Tecnologia	16	6,27%
Empoderamento e aprendizagem	Desempenho Acadêmico	55	21,56%
	Resiliência emocional	30	11,77%
	Desafios acadêmicos	28	10,98%
Total		255	100%

Fonte: Elaborado pela autora

5 DISCUSSÃO

Os resultados iniciais demonstraram a participação prevalente do sexo feminino (69,7%) que apontam queixas quanto ao período pandêmico e pós-pandêmico. Segundo Calais *et al.*, (2003 *apud* Lameu e Souza, p. 221, 2024) indicam que essa diferença estaria “baseada nas cobranças sociais em relação à mulher que somam às sobrecargas profissionais e/ou acadêmicas, às exigências pessoais, biológicas, hormonais, sexuais e sociais”. Para além disso, é possível observar que os egressos dos anos de 2020 (27,3%) e 2021 (27,3%) – anos da alta da crise de saúde mundial vivenciada devido ao Covid-19 – prevaleceu. O que se pode mensurar nesse comparativo, é de que ambas as turmas, vivenciaram o período ocorrido, junto do ano letivo na ocasião. Cabe destacar que a turma de 2020 foi pioneira em uma nova forma de ensino que precisou se adaptar em virtude do cenário em que se encontrava, o Ensino Emergencial Remoto (ERE) – sob Portaria MEC nº 343 de 17 março de 2020¹⁰

¹⁰ Portaria MEC nº 343 de 17 março de 2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.

– se estendendo a turma de egressos de 2021. Outro dado que merece atenção são os 93,9% do público participante que nessa conjuntura, inferiu que problemas relacionados a saúde mental se intensificaram na pandemia.

Mediante o exposto, informa-se que nesta seção, serão discutidos: Panorama da Dificuldades Cognitivas; Dinâmicas Cognitivas e, Empoderamento e Aprendizagem com as respectivas palavras de frequência por ocorrência, imbuídas neste construto. Ainda nessa ótica, serão apresentados os apontamentos, queixas, como os participantes se empoderaram subjetivamente, culturalmente, academicamente frente as questões enfrentadas. À abertura de discussão, vale ressaltar que este estudo culminará no sigilo dos participes, com efeito, serão eles representados pela letra P remetendo-se a palavra “participante” alinhados ao número correspondente na participação da coleta de dados.

5.1 Panorama das dificuldades cognitivas

A subcategoria intitulada Panorama das dificuldades cognitivas representa 40,79% de ocorrências nos dados gerados neste estudo. Ela apresenta as queixas que estão atreladas e motivadas intrinsecamente às dificuldades cognitivas de acordo com os participantes. Dentre as ponderações, destaca-se a Ansiedade, que fica em evidência neste estudo por 58 vezes (22,75%), seguida pela Saúde Mental (12,55%) e Concentração (5,49%). Em alguns casos, os apontamentos se mostraram como reflexo traumático vivido durante o período pandêmico se estendendo posteriormente. Contudo, é valido mencionar que alguns estudantes já carregavam consigo a Ansiedade, assim como uma notória frequência de queixas relacionadas a saúde mental e a falta de concentração, posto como uma pré-existência se potencializando durante a pandemia por Covid-19, porém, em outros casos, essas questões surgiram durante a pandemia.

À luz desse contexto, evidências indicam que o medo e a preocupação com o futuro, foram estressores motivadores iniciais nos casos daqueles que ainda não havia desencadeado a Ansiedade, sendo eles também os estressores interligados na intensificação dos casos já emergentes. É possível observar nesse panorama de narrativas, onde os participantes ilustram o cenário que atravessavam. Na discussão (P3) aponta, “Depois que peguei Covid, por duas vezes, desenvolvi maior frequência nas crises de ansiedade. Fiquei meio esquecida, com dificuldades para concentrar-me e isso me levou mais facilmente a ter crises mais severas”. (P4) corrobora, “Tive a perda de duas pessoas importantes na família, além de ter sido acometida duas vezes, o que ocasionava ansiedade e medo de perder mais pessoas da família e sair de casa”. Quanto ao medo do desconhecido e preocupações futuras, (P5) discorre, “Primeiramente veio o desestímulo, desesperança e dúvidas quanto ao futuro do curso porque

o calendário acadêmico foi interrompido em meados de março de 2020 [...]. Enquanto (P7) frisa que “A pandemia impactou minha saúde mental [...] o que agravou minha ansiedade diante da incerteza sobre meu futuro”.

Convém rememorar o fato de que, no dia 11 de março de 2020, há exatos 05 anos, a OMS decretava Pandemia Mundial por Covid-19. Embora na China, em dezembro de 2019 (onde os primeiros casos foram identificados e já apresentava indícios do teor da doença) no restante do mundo e, somente após a OMS ter sido pressionada por jornalistas que buscavam uma resposta para aquele cenário da doença que já havia matado em média 4.300 pessoas (segundo dados oficiais), se reuniram na sede da Organização em Genebra, na Suíça, e às 17h daquele dia, a OMS descreveu a Covid-19 como Pandemia – transmissões da reunião ocorreram por meio de plataformas digitais e matérias televisas. Panoramicamente, frente ao contexto daquela época, os hospitais ainda não estavam superlotados, ainda não havia iniciado o isolamento social e mundial e, não se estava preparado economicamente para a catástrofe desconhecida que estava por vir. 05 anos e, milhões de vidas perdidas mundialmente para a disseminação e gravidade doença (O Globo, 2025)¹¹.

Mediante aos fatos supracitados, culminou para uma nova conjuntura denominada “Condição Pós-Covid ou Covid Longa” de acordo com a OMS (2025). A Organização em estudos recentes, vem buscando compreender com mais propriedade e está desenvolvendo Diretrizes de prática clínica para gerir essa nova Condição. No entanto, já é possível ter acesso a alguns dados, como por exemplo: são mais de 200 diferentes sintomas, entre eles estão destacados a fadiga, dores nos músculos e nas articulações, sentindo-se sem fôlego, dores de cabeça, dificuldade em pensar ou se concentrar, sono prejudicado, depressão e ansiedade (OMS, 2025)¹². De acordo com Hall *et al.* (2024, p. 1261) “[...] algumas evidências indicam que pessoas com certas deficiências pré-existentes (por exemplo, diabetes tipo 2, ...) também podem estar em risco aumentado de COVID longo” e que os “[...] sintomas que continuam ou se desenvolvem após uma infecção por COVID-19 **duram meses ou anos ou são vitalícios**” (Hall *et al.*, 2024, p. 1261, grifo nosso).

Infere-se que diante do desconhecido, não se havia ainda entendimento, tampouco dimensão do que o trauma pelo momento, bem como quais sequelas, poderiam estar atreladas e no que iriam desencadear; não se teve um protocolo inicial que pudesse realizar acompanhamentos no cenário pós (OMS, 2025). Isso fica evidenciado com estudos recentes da Organização – divulgado em fevereiro de 2025 – que ainda caminha com as investigações, conforme mencionado anteriormente. São

¹¹ Para acesso da matéria na íntegra: <https://oglobo.globo.com/google/amp/saude/noticia/2025/03/11/ha-exatos-5-anos-a-oms-descreveu-a-covid-19-como-uma-pandemia-pela-1a-vez.ghtml>

¹² Acesse a OMS: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/post-covid-19-condition-\(long-covid\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/post-covid-19-condition-(long-covid))

necessidades que parecem escrutinar, somente a partir de um número significativo do corpo social, ao apresentar similaridades quanto aos sintomas. Tal fato revela clara conexão com o estudo publicado aqui no Brasil, no ano de 2023 na Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, em Brasília – DF.

Nessa perspectiva, a pesquisa nacional, foi motivada pelo número considerável de pacientes que relatavam queixas ligadas a saúde mental, denominada de *Brain Fog* ou Névoa cerebral que de acordo com Braga *et al.* (2023) pode ser caracterizado como uma dificuldade no planejamento do cotidiano, na concentração, atenção, memória e nas dificuldades de raciocínio – elementos que repercutem normalmente na vida diária. A luz desse contexto (P1) relata que “[...] após o início da pandemia, o isolamento social atrelado as notícias de adoecimento e mortes de familiares em decorrência de Covid-19, desenvolvi depressão e fiz uso de antidepressivos por 2 anos, tranquei o curso por 6 meses e tempos depois desisti de vez”. Urge, ainda, frisar que “não conseguia focar nos estudos, minha memória ficou péssima, [...]. Os emocionais foram superados depois de longos dois anos fazendo uso de antidepressivos e acompanhamento psicológico e psiquiátrico”. Ainda sob esse prisma (P26) apresenta como queixa a “[...] perda da autoafirmação em lapso de memória infinita”. Por fim, também corroborando aos sintomas da Névoa dentro dessa Condição Pós-Covid (P28) destaca a “Desatenção e esquecimento! Memória curta afetada”.

Segundo Braga *et al.* (2023) as queixas iniciais da Névoa Cerebral, relatada pelos pacientes, permeava entre: esquecimentos de palavras dentro de uma frase, na realização de uma tarefa rotineira, não lembrar nome de objetos, esquecer compromisso... e se acentua com o passar do tempo. É válido mencionar, que o público participante do estudo da Rede Sarah, eram pacientes que tiveram situações de Covid aguda, sendo hospitalizado e não hospitalizado, de diversos níveis sociais. Com efeito, a Pesquisa identificou “uma melhora discreta dos sintomas neuropsicológicos 25 meses após o estágio agudo do COVID-19; no entanto, o desempenho não estava dentro dos parâmetros normativos dos testes neuropsicológicos padronizados” (Braga *et al.*, 2023, p. 517) e concluiu “a persistência de distúrbios cognitivos e neuropsiquiátricos de longo prazo em pacientes com COVID-19 prolongado” (Braga *et al.*, 2023, p. 517).

5.2 Dinâmicas cognitivas

As Dinâmicas Cognitivas nesta pesquisa, se manifestam com um percentual de 14,9%, sob viés de frequência por ocorrência, destaca-se: adaptação (8,63%) e tecnologia (6,27%). A adaptabilidade durante a pandemia por Covid-19 e após, foi um processo que precisou se forjar e moldar-se ao período que se vivenciou. Embora adaptados a um estilo de vida onde não era imposto um aprisionamento de

si e dos demais, foi necessário atravessar o processo dentro do distanciamento social, em que não havia um tempo pré-determinado para o fim. “[...] E isso tem [teve] consequências... com potencial para grandes estragos. E que não seriam tão graves, se não fosse em um sistema tão injusto e excludente” (Ramos, 2020, p. 03).

A título de ilustração, infere-se a disparidade coletiva no contexto acadêmico, no que concerne a adaptação para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) que “Diferentemente das modalidades já conhecidas no âmbito educacional, o ERE foi uma medida criada como resposta ao distanciamento social imposto ao mundo em função da crise sanitária” (Bandeira; Mourão; Ferreira, 2024, p. 03). O modelo de ensino, foi viabilizado através de recurso tecnológico, que gerou em alguns casos, a complexidade pela falta de acesso com aqueles que residiam em locais afastados das cidades, pela baixa ou ausência da frequência de sinal, seja por dados ou *wi-fi*, conexões via satélite ou via rádio. (P11) rememora o período da transição do ensino regular para ensino remoto e destaca que “Foi uma adaptação necessária naquele momento, mas que não desejo repetir”. Adversidades que culminavam para que, não houvesse entrega na sua totalidade no que concerne o integral conteúdo das aulas, ora pela falta de privacidade, por dispositivos que não suportavam as transmissões através das plataformas digitais que duravam um tempo médio de 4h/dia, ora pela conectividade, entre outros. O conteúdo parecia não chegar do outro lado das telas com a mesma similaridade aos discentes, diante dos pontos mencionados.

Conforme abordado anteriormente, (P13) ressalta que “A adaptação ao modo de ensino foi um grande desafio, principalmente para discentes da zona rural, onde a internet via rádio é instável e, bastava chover para que o sinal sofresse interferência a ponto de perder parte do conteúdo das aulas”. Embora ambas as conexões óptica e via rádio possam apresentar instabilidades, destaca-se que a difusão por radiofrequência na transmissão de dados, utiliza-se de ondas, sendo mais suscetíveis as quedas e oscilações por questões climáticas, como: chuva, ventos fortes ou obstáculos que interfiram entre a torre que transmite e a antena receptora (Uniflumin, 2024). Acerca disso, o norte do Brasil, especificamente o Estado do Pará, que compõe a região amazônica, é movida por grandes volumes de chuva anualmente, devido ao clima equatorial: quente e úmido. Sendo considerada a região que mais chove no território nacional (Guitarra, 2025). A exemplo, pode-se mencionar a capital paraense Belém, que é “caracterizada por apresentar altos índices pluviométricos devido à sua proximidade com a linha do equador” (Moraes; Filho, 2018, p. 18). Os autores ainda enfatizam que quase todos os dias, vespertinoamente, chove na cidade.

Portanto, infere-se que esse movimento motivado pela pandemia, gerou desenvolvimento de novas competências e habilidades acerca das tecnologias, sendo postas neste estudo, como positiva. O

maior uso de recursos tecnológicos intermediou os avanços e na praticidade dos acessos, mesmo com as eventualidades quanto a conectividade e dispositivos, já supracitados, foi possível notar, expressivamente, no enveredamento dos participantes, conforme demonstra (P25) em que coloca as “Ações como tutoria *on-line* e melhor acesso a recursos tecnológicos, ajudaram”. Somando-se a essa narrativa, (P27) ratifica que teve “[...] melhor manejo com suportes tecnológicos para manter o fluxo de comunicação a distância” ao passo que as “[...] habilidades com o uso de tecnologias, foram essenciais para eu continuar e concluir” (P29). Embora provocados à utilização de novas ferramentas intrínsecas ao meio digital para (P32) tornou-se “[...] mais perseverante e esforçada nos estudos apesar do desafio que foram as aulas *on-line*”. Nesse ínterim, “[...] aprendi a utilizar ferramentas de inteligência artificial” (P33). Conforme já implícito neste panorama de discursos, pressupõe-se que esses movimentos foram potencializados pelo período, ainda que esses recursos já se fizessem presente nos veículos de acesso, pouco provavelmente era explorado por uma parcela do corpo social que, pelo momento e a princípio, resultou na complexidade do manuseio. Contudo, insofismavelmente, a tecnologia se figurou necessária.

5.3 Empoderamento e aprendizagem

A última subcategoria intitulada Empoderamento e Aprendizagem, representa 44,31% dos dados gerados, sendo a mais evidente dentre as 03 (três) discussões elencadas. Nela, os participantes descrevem as experiências e os desdobramentos ditos resilientes que fizeram para manter ativas suas aprendizagens durante e na pós-pandemia. Apontam ainda, fatores que condicionaram para se empoderar subjetivamente acerca dos desafios acadêmicos e emocionais, ao passo que exprimem sugestões, quanto ao suporte do Programa para o fortalecimento do aprendizado, com o fito de mitigar evasões.

À abertura de discussão, salienta-se que o Desempenho acadêmico, nesta subcategoria, emerge com 21,56% de frequência por ocorrência, com efeito, os discentes consideraram que 42,4% tiveram um baixo desempenho em comparação ao período que antecedeu a pandemia. Quanto a Resiliência emocional ela surge com frequência de 11,77% pareada aos Desafios acadêmicos que se mostra nesta Pesquisa com 10,98%. Dentre as estratégias e/ou recursos listados com mais eficácia, que contribuíram para manter a motivação, são eles, em ordem decrescente: apoio familiar (63,6%), práticas religiosas/espirituais (51,5%), apoio dos colegas de classe (48,5%), planejamento e organização dos estudos (45,5%), apoio dos professores (42,4%), uso de novas tecnologias e metodologias (42,4%) e, terapia e suporte emocional (24,2%).

A Pesquisa nos releva pontos nodais como a família e a manifestação da fé, emergentes para a superação e fortalecimento nos atravessamentos em que os participantes se encontravam. Mesmo passando por situações acadêmicas desafiadoras e emocionais, essas não foram situações que em alguns, os fizeram pensar em desistir do Mestrado – embora houvesse o desejo – esta por sua vez não se consolidou, no entanto, não impediu de que em outros, as questões subjetivas (mencionadas anteriormente) emergissem o pânico, ansiedade, angústia, baixa autoestima, incongruências intelectuais etc. Diante desse cenário, é possível observar uma similaridade entre as narrativas, conforme expressa (P33) que demorou “[...] o dobro de tempo para concluir o mestrado, o que me deixa muito frustrada e triste com a situação, que contribuiu para reprovações em disciplinas e vontade de desistência do curso”. Ainda no mesmo viés (P12) discorre que “Com a falta de concentração e queda no rendimento, a minha vida acadêmica atrasou”. Por conseguinte, (P20) ratifica a alta cobrança em virtude de atender as demandas curriculares “tinha que lutar com maior empenho, [...] para progredir e não desistir”. Com efeito, (P22) corrobora “Durante o curso existe o temor de ter um desempenho ruim e ser desligado do programa. Eu cheguei a ser afastada por 3 meses do trabalho (com laudo psiquiátrico) e não consegui avançar na pesquisa de mestrado nesse período [...]”.

Cada indivíduo carrega consigo um organismo que difere na forma de condecorar e lidar com as situações adversas, ainda que a conjuntura se perpetuasse em consonância a desistência, não houve renúncia; alguns encontram-se finalizando seus estudos, enquanto outros, alcançaram a conclusão do Mestrado. À luz desse contexto, urge salientar, que a Pesquisa está considerando esses desdobramentos intrínsecos a resiliência no contexto acadêmico. Nesse sentido, estaria ligada diretamente ao desejo de permanecer no curso, ouvindo discursos e ponderações pela educação que os fizeram continuar – mesmo desejando ou não desejando – em meio as circunstâncias. Nessa perspectiva, a resiliência, é vista como a capacidade das pessoas não só resistirem as adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social, “[...] como um retorno rápido ao estado original após sofrer grande distúrbio, suportando maiores tensões e sendo menos perturbada por uma determinada quantidade de estresse” (Mendonça; Magalhães, 2021, p. 04).

No que tange a Fé nesta discussão, emerge como fonte, fortaleza, provedora dos desdobramentos resilientes para se manter ativo na vida pessoal e acadêmica. Em estudos anteriores ficou evidenciado que as manifestações religiosas e espirituais podem potencializar a resiliência em indivíduos (Margaça; Rodrigues, 2019, *apud* Nunes *et al.*, 2023) conforme destaca (P15) “Foi fundamental o fato de que eu não costumo desistir e me apeguei a isso. Me fortaleci exercitando a fé em Deus”. Ainda sob essa ótica (P26) expressa que “A fé, a resiliência em ver tudo desmoronar e acreditar que se eu escapava vivo, era porque algo de bom estaria por vir”. Novamente as

manifestações surgem como emergentes, enfatiza (P19) “Busquei em Deus amparo, consolo e discernimento para compreender o processo”, assim como, salienta (P33) “A minha fé e o desejo de concluir o mestrado. Logo, busquei ser firme mesmo com as perdas de pessoas próximas e o medo de minha família ser atingida”. Cumpre destacar que para Hott (2020, p. 01 *apud* Nunes *et al.*, 2023, p. 433) “é um consenso que a espiritualidade proporciona introspecção e fortalece o indivíduo com a capacidade de se observar, promovendo o crescimento de atitudes estóicas frente a cenários adversos de crises e difíceis [...].”

Rememorar a pandemia por Covid-19, faz perceber que embora os entraves, seja na vida pessoal ou acadêmica, os manteve fortalecidos até a conclusão do Mestrado. Outros, embora ainda não estivesse ingressado no Programa e/ou não atravessaram a pandemia na Pós-Graduação, receberam reflexos de práticas pedagógicas daquele período utilizado no cenário vigente. Um dado válido a ser mencionado, ainda que tímido, refere-se aos participantes que atribuíram suas aprendizagens ativas na participação nos grupos de Pesquisa, conforme destaca (P24) “Muitas questões em termos de aprendizado só foram supridas devido minha participação no grupo de pesquisa que não encerrou sua atividade em nenhum momento”. Apesar dos calendários interrompidos naquele período, os grupos não deixaram de produzir cientificamente através de encontros virtuais. Esses achados, surte neste estudo, além de provedor do conhecimento, como práticas e posturas salutares que mitigaram frente as eventualidades que se atravessava naquele contexto, com efeito, (P30) evidencia que “A participação no grupo de pesquisa [...] foi fundamental nesta superação, pois o apoio, incentivo e as exigências de nossos coordenadores nos mantinham sempre focados em atividades e garantiam novos aprendizados e projetos [...].”

Vale salientar, que a conjuntura que compôs a investigação da Pesquisa, abriu precedente de sugestão, para fins de aprimoramento e suporte acadêmico do Programa, proposto pelos participantes. Vejamos:

- (P1) Implementação de programas de tutoria acadêmica para auxiliar os discentes com dificuldades;
- (P7) Criação dos serviços de apoio psicopedagógico e psicológico, com canais de escuta e grupos de apoio. [...] ampliar a oferta de bolsas de estudo e estabelecer parcerias com instituições voltadas à saúde mental de discentes e funcionários;
- (P11) Reuniões de grupo seriam interessantes, vai criar convivência e troca de experiências;
- (P13) Promover debates e encontros com temáticas voltadas à saúde mental. Por meio de parcerias, promovendo atendimento psicossocial aos mestrandos;
- (P15) Equipe multidisciplinar;
- (P20) Projetos voltados a saúde mental de estudantes e egressos. Sim, os egressos, embora já não ativos no Programa, precisam desse suporte, seja para dar continuidade ao Doutorado, seja para o mercado de trabalho;
- (P21) Apoio Psicológico e Bem-Estar: Oferecer serviços de apoio psicológico e programas de bem-estar para ajudar os alunos a lidarem com os impactos emocionais da pandemia. Isso pode incluir sessões de aconselhamento, grupos de apoio e workshops sobre saúde mental; [...]

estabelecer parcerias com instituições e empresas para facilitar estágios e oportunidades de trabalho para os egressos, além de promover eventos de networking e palestras com profissionais da área;

(P23) Observar indicativos de desempenho e saúde mental nos alunos e então oferecer opções dentro do alcance da coordenação (extensão de prazos, exame de segunda chamada etc.) para ajudar o aluno e aliviar a carga psicológica;

(P25) Oferecer discursões periódicas em relação a ações/projetos realizados pelo discentes e egressos, trocas de realizações dos projetos exitosos;

(P30) Programa de apoio psicossocial e laboratório de produção dos acadêmicos.

Para fins de conhecimento, esse interlúdio de sugestões não interrompe as inferências da discussão, que agora retorna para refletir o cenário caótico que a sociedade enfrentou. Nesse contexto, a família se mostrou necessária para o fortalecimento de entes que se encontravam atravessados nas dores provocadas pela crise sanitária na saúde, com as inquietações quanto a academia, embora “[...] os debates nesse campo ainda estão em fase inicial de investigação, mas que têm contribuído para reverter o panorama “negativo”, no qual o mundo familiar tem como figura principal os desajustes e conflitos” (Maia e Guimaraes Neto, 2021, p. 148). A Fé por sua vez, foi fonte de fortaleza para que os apoios pudessem fortalecer em si e replicar essa força aos demais. “A pandemia de COVID-19 trouxe muitos desafios, assim como evidenciou um aumento no estado de ansiedade do indivíduo, mas também uma oportunidade para aprofundar a fé religiosa ou um relacionamento pessoal com Deus” (Koenig, 2020, p. 776 *apud* Nunes *et al.*, 2023, p. 433).

Além disso, o apoio dos colegas de classe, embora estivessem experenciando ao mesmo tempo a frustração do desconhecido, serviram também de sustento nos encontros *on-line* das aulas ou grupos de estudo, assim como os professores, se mantiveram ativos e encorajados, para a encorajar o outro, em face aos desdobramentos que precisaram fazer para atender o parecer do CNE/CP nº 5/2020 (BRASIL, 2020, p. 03) que os provocava “[...] considerar propostas que não aumentem [aumentasse] a desigualdade ao mesmo tempo em que utilizam a oportunidade trazida por novas tecnologias digitais de informação e comunicação para criar formas de diminuição das desigualdades de aprendizado”. Quanto as demandas acadêmicas, novas metodologias e a utilização de recursos tecnológicos, emerge neste estudo como necessário para manter a disciplina durante o cenário, assim também, adentrar e acompanhar o progresso e, as inovações metodológicas pós-pandêmica. Portanto, infere-se que os efeitos da pandemia ainda perpassam ou continuarão perpassando, enquanto trauma, em meio ao corpo social, seja pela rememoração ou a provocação do medo ainda enraizado daquele período quanto as perdas de entes queridos, agravamento e aceleração da doença, pelo isolamento, enfim, seja pelo que se constituiu como novo no cenário pós-pandêmico e gerou estranheza. Pensar na possibilidade de acompanhamento psicológico e terapêutico, pode ser um caminho que venha contribuir para se reconectar e/ou se reinventar. Uma prática que na contemporaneidade poderia ser normalizada,

quebrando paradigmas de percepções que ainda associam a busca pelo profissional da saúde mental, somente sob o olhar de doença. O hodierno desponta inclinações para cuidar-se de si!

6 CONCLUSÃO

Esta Pesquisa, trouxe experiências vividas durante e após a pandemia no contexto acadêmico, através das narrativas de discentes e egressos do curso de Pós-graduação da UFPA, na compreensão dos movimentos e atitudes resilientes, para o empoderamento das subjetividades e os desdobramentos que fizeram para manter ativa suas aprendizagens, diante dos desafios enfrentados ou ainda engendrados da pandemia por Covid-19. Foi possível observar com notória frequência, que os participantes acusaram ter sua saúde mental afetada pelo período. Alguns já apresentavam indícios se intensificando durante o momento pandêmico, enquanto outros, desencadearam diante da crise sanitária na saúde por coronavírus. Com o isolamento social e as alterações nas mudanças de rotina, tidas antes como normais, refletiu na adaptabilidade dos investigados no processo formativo na academia.

À luz desse contexto, este estudo também apontou que a família foi fortaleza para impulsionar e subsidiar o empoderamento das subjetividades, bem como as manifestações religiosas enquanto provedora da resiliência para a não desistência do curso. Notou-se ainda, que os participantes trazem consigo dois grandes blocos: um de desejo e o outro, o peso insatisfatório por não conseguir apreender as habilidades necessárias a respeito das aprendizagens dentro do contexto da pandemia, refletindo-se no rendimento acadêmico.

Quanta a finalidade desta Pesquisa, informamos que foi alcançada e ressaltamos que o objetivo deste construto foi refletir acerca do empoderamento às aprendizagens de pós-graduandos e egressos frente aos impactos na pós-pandemia por Covid-19, trazendo *insights* sobre as dinâmicas cognitivas e a correlação desses fatores com o desempenho acadêmico. No entanto, pode apresentar fragilidade nos dados pela ausência da utilização de softwares de rastreamentos neurológicos e psicológicos, que apontaria com precisão os níveis de estressores, bem como identificaria os sintomas/queixas listadas – embora este estudo seja de cunho subjetivo com base no enredamento de experiências dos participantes.

Contudo e, diante dos apontamentos, esta pesquisa está sugerindo um projeto psicoeducativo com possibilidade de encontros híbridos (presencial e *on-line*) em grupo ou individual, que venha culminar sobre a saúde mental no cenário Pós-Covid-19. Realizar encontros periódicos com a comunidade acadêmica, que além de fortalecer vínculos, fornecerá insights ao Programa. Criar painel

de publicações exitosas a fim de fomentar novas investigações, como também a divulgação desses estudos em canais oficiais da Instituição. Por fim, a criação de espaço para Coorientação com o fito de mitigar a sobrecarga dos docentes.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Educação Remota: Entre a ilusão e a realidade. **Revista Interfaces Científicas**. Aracaju: V.8, N.3, p. 348 –365, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BANDEIRA, V.; MOURÃO, L.; FERREIRA, D. **ADAPTAÇÃO AO ENSINO REMOTO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UNIVERSITÁRIOS NA PANDEMIA**. SciELO Preprints, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.8848. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/8848>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BARBOSA, G. S. **Resiliência: Desenvolvendo e ampliando o tema no Brasil**. São Paulo: Sobrare, 2014.

BASTOS, J. E. de S.; SOUSA, J. M. de J.; SILVA, P. M. N. da; AQUINO, R. L. de. O Uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: potencialidades e desafios. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 623–636, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n3p623-636. Disponível em: <https://bjih.scielo.br/bjih/article/view/304>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRAGA, L. W.; OLIVEIRA, S. B.; MOREIRA, A. S.; MARTINS PEREIRA, M. E. M. D. S.; SERIO, A. S. S.; CARNEIRO, V. D. S.; FREITAS, L. F. P.; SOUZA, L. M. D. N. Long COVID neuropsychological follow-up: is cognitive rehabilitation relevant? **NeuroRehabilitation**, v. 53, n. 4, p. 517-534, 2023. DOI: 10.3233/NRE-230212. PMID: 38143394.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília - DF, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 18 mar. 2025.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020** - Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília - DF, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp00520&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 08 abr. 2025.

DOURADO, Luiz Fernandes; SIQUEIRA, Romilson Martins. Trabalho e formação de professores/as: retrocessos e perdas em tempos de pandemia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 842-857, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1211/pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DIAS, ACF.; ALVES, ACS.; PENHA, JRL da; BRITO, IAMP de; XAVIER, T.L.; OLIVEIRA, CC de.; SILVA, HEO da; SOUSA, RB de; SILVEIRA, SRA de D.; DAMASCENO, MMS. Resiliência entre estudantes do ensino superior no distanciamento social preventivo obrigatório durante a pandemia de Covid-19. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, pág. e402111033098, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.33098. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/33098>. Acesso em: 31 jan. 2025.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando espaços de autorias de pensamento.** Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 22.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 155–183, 2020. DOI: 10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GUITARRARA, Paloma. "Clima da região Norte do Brasil"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/a-vegetacao-clima-regiao-norte.htm>. Acesso em 30 de março de 2025.

HALL, Jean P.; KURTH, Noelle K.; McCORKELL, Lisa; GODDARD, Kelsey S. COVID longa entre pessoas com deficiências preexistentes. **Revista Americana de Saúde Pública**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.2105/AJPH.2024.307794>, v. 114, pág. 1261-1264, 2024. Acesso em: 25 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2022). **Cidades e Estados: Pará**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa>. Acesso em: 22 fev. 2025.

LAMEU, Joelma; FERNANDES DE SOUZA, Wanderson. Percepção de estresse e qualidade de vida de universitários no pós-pandemia. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, [S. l.], v. 1, pág. 213–224, 2024. DOI: 10.14571/brajets. v 17. n1. 213-224. Disponível em: <https://brajets.com/brajets/article/view/1278>. Acesso em: 30 jan. 2025.

MAIA, Adriana Oliveira Bringel; GUIMARAES NETO, Armante Campos. Resiliência de profissionais de saúde frente à COVID-19. **Rev. SBPH**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 147-161, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582021000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2025.

MELO, Cynthia de Freitas; VASCONCELOS FILHO, José Eurico de; TEÓFILO, Marina Braga; SULIANO, Amanda Martins; CISNE, Érika Carolinne; FREITAS FILHO, Ronaldo Almeida de. Resiliência: uma análise a partir das características sociodemográficas da população brasileira. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 25, n. 1, p. 139–154, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250112>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MENDONÇA, F. A. F; MAGALHÃES, M. T. Q. A palavra é resiliência. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PARA O PLANEJAMENTO URBANO, REGIONAL, INTEGRADO E SUSTENTÁVEL – PLURIS, 9., 2021, digital. **Anais** [...]. Bauru, SP: UNESP/FAAC, 2021. p. 4. Disponível em: <https://pluris2020.faac.unesp.br/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAES, Dayse Suellen; FILHO, Manoel Francisco. Contribuição das chuvas do período da tarde em Belém do Pará para os totais mensais e possíveis relações com a normal climatológica. **Revista Brasileira de Climatologia**, [S. l.], v. 23, 2018. DOI: 10.5380/abclima.v23i0.58364. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistaabclima/article/view/58364>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MOURA, C. DE C. et al.. Quality of life and satisfaction of students with auriculotherapy in the covid-19 pandemic: a quasi-experimental study. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, p. e20220522, 2023.

NUNES, Erika dos Santos; NUNES-JÚNIOR, Roberto Costa; GONÇALVES, Maria Tairla Viana; VASCO-DOS-SANTOS, Deyvison Rhuan; CERILO-FILHO, Marcelo. A espiritualidade como ferramenta no enfrentamento da COVID-19. **Revista Psicologia, Saúde e Debate**, v. 9, n. 2, p. 429–442, out. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V9N2A24>. Acesso em: 10 abr. 2025.

O GLOBO. Há exatos 5 anos, a OMS descreveu a Covid-19 como uma pandemia pela 1ª vez. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/google/amp/saude/noticia/2025/03/11/ha-exatos-5-anos-a-oms-descreveu-a-covid-19-como-uma-pandemia-pela-1a-vez.ghml>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Condição pós-COVID-19 (COVID longo)**. 2025. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/post-covid-19-condition-\(long-covid\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/post-covid-19-condition-(long-covid)). Acesso em: 25 mar. 2025.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Pesquisa de campo com mídias digitais: desafios para a imaginação sociológica em tempos de pandemia. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 11, n. Edição especial, p. 107-122, dezembro, 2022.

RAMOS, T. T. Pandemia é pandemia em qualquer lugar – vivendo a crise da Covid-19 de fora dos grandes centros. Espaço e Economia. **Revista Brasileira de Geografia Econômica**, v. 18, 2020.

SOUZA, Laiana Ferreira de. **Práticas informacionais terapêuticas e a resiliência informacional**. 2022. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SOUZA, M. T. S.; CERVENY, C. M. O. Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 40, n. 1, 2006, p. 122-123.

UNESCO. Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020: inclusão e educação para todos. Paris: Unesco, 2020.

UNESCO. Educação: da interrupção à recuperação. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 30 jan. 2025.

UNIFIQUE. **Internet via rádio: como funciona?** [S.l.]: Unifique, 2024. Disponível em: <https://unifique.com.br/artigo/internet-via-radio-como-funciona>. Acesso em: 25 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia**. Apresentação. Disponível em: <https://www.ppggeaa.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/apresentacao>. Acesso em: 22 fev. 2025.

VALLE, P. R. D., & Ferreira, J. de L. (2024). ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO. In **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7697>. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7697>. Acesso em: 30 mar. 2025.